



AS (RE)CONSTRUÇÕES IDENTITÁRIAS SOBRE O SUJEITO JOVEM MANIFESTANTE: MÍDIA, POLÍTICA E FORMAÇÕES IMAGINÁRIAS

Luana VITORIANO-GONÇALVES¹
Flávia Cristina Silva BARBOSA²

RESUMO

As manifestações de rua, como forma de atuar político, marcaram inúmeros contextos do país. Isso porque na manifestação, a política, de forma direta ou indireta, passa a ser re-discutida pela massa integrante dos movimentos e que é colocada do lugar de sujeito-cidadão a exercer seu dever em sociedade. Participar de uma manifestação é, contudo, ser sujeito e estar sujeito à língua(gem): os discursos dos/sobre os manifestantes não chega à população isento de ideologia; nos/pelos discursos (dos) outros o sujeito na manifestação é ressignificado. A mídia é uma das principais produtoras de discursos nestes casos, porque ela é legitimamente autorizada a falar sobre os acontecimentos que (des)estabilizam a cidade e a sociedade, além de se colocar no intermédio das relações político-sociais. Desta forma, para esta pesquisa, considera-se o modo como a mídia, mais propriamente o jornal impresso *Folha de S. Paulo*, discursiviza dois períodos de manifestações de rua, durante o processo de impeachment do então presidente Fernando Collor de Mello, em 1992, e no decorrer das manifestações de junho de 2013. Em termos teóricos e metodológicos, a proposta inscreve-se no dispositivo da Análise de Discurso francesa, pecheutiana, representada pelas contribuições de Orlandi (2001; 2003); Mariani (1999); e Coracini (2003). Considera-se que a mídia não está, de modo algum, isenta de opinião ao noticiar uma manifestações de rua, mas seu discurso é dependente das condições de produção que envolvem a enunciação, e, principalmente, relaciona-se com a posição da qual se enuncia. Por isso, o conceito de formações imaginárias é fundante para investigar as regularidades “rebeldes sem causa”; “as ‘faces’ do manifestante”; e “esquerdistas” quando a mídia tece um perfil para os manifestantes de dado período.

PALAVRAS-CHAVE

Manifestante; Mídia; Política.

¹ Doutoranda em Linguística pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Membro do Grupo de Estudos em Análise de Discurso da UEM (GEDUEM). E-mail: lvitoriano@geduem.com.br

² Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual de Maringá. Membro do Grupo de Estudos Políticos e Midiáticos (UEM). E-mail: flaviafcsb@gmail.com

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Em junho de 2013 desencadearam-se em todo o país demasiadas manifestações que conduziram milhares de brasileiros às ruas, o impulso em evidência para a mobilização desses eventos foi o aumento da passagem do transporte público. Porém, ao ganhar força e repercussão, novas reivindicações do/no âmbito sócio-político passaram a integrar faixas e cartazes e tornaram-se as “novas” aspirações que alimentavam o fôlego dos protestos em todo o país. Ao ponderar a quantidade de integrantes desse movimento, bem como, seus objetivos (reivindicação de direitos, denúncia de corrupção etc.), é possível reconhecer o fato de que manifestações desse porte não ocorriam no Brasil desde o ano de 1992, quando a população saiu às ruas para pedir o impeachment³ do então presidente Fernando Collor de Mello.

Enquanto as manifestações pelo impeachment do presidente Collor concentraram uma grande quantidade de jovens estudantes, nas manifestações ocorridas em junho de 2013, popularmente denominadas por “Jornadas de Junho”, a população configurava-se de modo mais heterogêneo, entre os manifestantes encontravam-se pessoas com ensino superior, jovens, adolescentes, estudantes, idosos, funcionários públicos etc. Apesar da diversidade de pessoas presentes nas “Jornadas de Junho”, a mídia apresentou certa atenção para a população jovem⁴ que esteve presente nessas manifestações. Da mesma forma, em 1992, os jornais debruçaram-se sobre matérias e reportagens sobre os jovens, enquanto participantes dos protestos ocorridos naquele determinado momento sócio-histórico.

Propondo pontos paralelos e divergentes entre esses dois movimentos de grande repercussão midiática, nosso material de análise concentra-se na coleta de

³ Esse ocorrido é tratado de várias formas, em publicações da mídia, na internet, em livros etc., tais como: impeachment do presidente Collor, “fora Collor” e movimento dos “carapintadas”.

⁴ As idades frequentemente presentes no *corpus* variaram entre 17 a 28 anos, fazendo uma média entre os jornais de 1992 e de 2013. O “Estatuto da Juventude” define as pessoas jovens como as que têm idades entre 15 e 29 anos, contabilizando, aproximadamente, 51 milhões de brasileiros (Secretaria Nacional da Juventude, 2014. Disponível em: <http://www.juventude.gov.br/estatuto>. Acesso em: 19/06/2014).

reportagens de um jornal específico: “Folha de S. Paulo”, dos anos de 1992, referentes às manifestações de 1992, pelo “fora Collor”, com os manifestantes denominados “carapintadas”, e de 2013, em que o jornal noticiou as “Jornadas de Junho”.

Mediante a variedade de abordagens possíveis do/no *corpus*, o nosso objeto de estudo delineou-se a partir de reportagens do jornal “Folha de S. Paulo” que noticiaram as duas manifestações de rua e seus desdobramentos no palco político e social, tendo como enfoque analítico o sujeito jovem manifestante. Tendo em vista esse recorte temático e discursivo, nossa preocupação centra-se em investigar nos modos como são construídas as identidades do jovem manifestante, especificamente, no impeachment do presidente Collor e nas “Jornadas de Junho”.

É necessário destacar que a noção de identidade é concebida, neste trabalho, como a representação (estabilizada) que o jornal coloca em circulação sobre o jovem manifestante, que também é construída socialmente, e funciona, ao longo dos anos, no/pelo discurso midiático, isto é, as formas como o jornal referencia o jovem manifestante, no sentido de uma imagem/representação social. Para tanto, tais representações e (re)construção identitárias foram articuladas ao funcionamento discursivo midiático empreendidos por Coracini (2003) e Silva (2000), embasadas na Análise de Discurso, de linha francesa pechetiana.

Essas vertentes teórico-metodológicas serviram de subsídios para as práticas analíticas desenvolvidas neste trabalho, mobilizaremos, em especial, as noções teóricas de formações imaginárias e condições de produção, para que seja viável estabelecer um “perfil” do sujeito jovem manifestante na mídia. Ao levar em conta as formações imaginárias constituintes no/do discurso das reportagens analisadas, verificamos que os dizeres revelam sentidos naturalizados, criando efeitos de sentido que repercutem em uma construção simbólica “negativa” sobre o sujeito jovem manifestante. De tal modo, as identidades destes sujeitos são construídas no jornal “Folha de São Paulo” estabelecendo as seguintes regularidades: a) “rebeldes sem causa”; b) “as ‘faces’ do manifestante”; c) “esquerdistas”.

2 FORMAÇÕES IMAGINÁRIAS E AS (RE)CONSTRUÇÕES DE SENTIDOS

A 'imagem', neste trabalho, designa dada representação social sobre algo/alguém, no nosso caso, dos jovens manifestantes, funcionando por meio dos dizeres estabilizados e pelo imaginário social. Nesse sentido, no ato de enunciação o sujeito coloca em funcionamento várias imagens que estão intimamente ligadas às relações de sentido em circulação. Essas imagens, postas em funcionamento na medida em que o sujeito fala (e ouve?), são constituintes do processo discursivo e são dependentes, tanto da representação do lugar de onde se fala, quanto do intermédio dos já-ditos, isto é, dos dizeres estabilizados. São esses desdobramentos da produção do discurso que vão orientar a argumentação e a construção do discurso, de acordo com os efeitos que o sujeito pensa produzir para seu interlocutor (ORLANDI, 2003).

Ao considerar a materialização das formações imaginárias no processo discursivo, observamos os seguintes processos: a antecipação, as relações de força e relações de sentido. Na antecipação, o emissor projeta uma representação imaginária do receptor (do enunciado) e, a partir dela, estabelece suas estratégias discursivas. É uma maneira de o sujeito colocar-se no lugar do outro, prevendo os significados que o interlocutor atribuirá ao texto/discurso. Constrói, então, a partir desse mecanismo, uma tentativa de controlar os sentidos que pensa produzir no outro. No momento da enunciação "Todo sujeito tem a capacidade de experimentar, ou melhor, de colocar-se no lugar em que o seu interlocutor 'ouve' suas palavras" (ORLANDI, 2003, p. 39).

As formações imaginárias também estão aliadas às relações de força, intrinsecamente relacionadas às associações hierárquicas presentes na sociedade, em que a posição social (e discursiva) significa no ato da enunciação, e é capaz de produzir discursos de autoridade, legitimados socialmente, em vários campos do saber.

Por fim, para se constituírem, as formações imaginárias estão reguladas pelas relações de sentido. Essas últimas, por sua vez, são dependentes de outros dizeres já significados socialmente, que são mobilizados no interdiscurso. O funcionamento

dessas relações de sentido associa-se às condições de produção do enunciado, tais como o contexto sócio-histórico e as relações discursivas estabelecidas pela materialidade linguística que apontam para o que é do âmbito do discurso, a saber: as formações discursivas, a memória discursiva e a ideologia.

Atentamos, desse modo, para o fato de que o funcionamento das imagens produzidas pelo efeito de dada posição social dialoga com discursos que significam socialmente, ditos em outros lugares, por outros sujeitos, em outras circunstâncias. De acordo com Orlandi (2003, p. 39), as formações imaginárias são resultados de processos discursivos anteriores. Para a autora, “não há discurso que não se relacione com outros”. Dessa maneira, um discurso aponta para outros, que lhe dão subsídios para que funcione na produção de sentidos, tanto em discursos já formulados quanto em outros dizeres vindouros (possíveis).

Orlandi (2003) assevera que as condições de produção de um discurso estão intimamente ligadas às relações de sentidos, já que um discurso dialoga com outros, inclusive os que circulam a margem do dizer, em um processo contínuo. São essas mesmas relações de sentido que sustentam os discursos produzidos, e permitem a produção de outros, filiados a dizeres já existentes.

Além disso, como condição de produção, o lugar do qual o sujeito fala é determinante: a imagem que se têm desse lugar/posição social faz o sujeito significar. Segundo Orlandi (2003), as imagens projetadas no discurso são: a imagem da posição locutor e suas implicações no momento da enunciação. Da mesma forma, temos a imagem que o locutor imagina projetar em seu interlocutor, isto é, o que ele pensa significar para esse seu ouvinte ao falar de determinada maneira. Igualmente, contamos com a imagem do objeto de que se fala, ou seja, o objeto do discurso, sobre o que se fala.

Contudo, não são apenas essas formações imaginárias que funcionam no discurso. Para Orlandi (2003, p. 39) existe um jogo imagético ainda mais complexo, pois se há interferência da antecipação entra em cena “a imagem que o locutor faz da imagem que seu interlocutor faz dele, a imagem que o interlocutor faz da imagem que ele faz do objeto do discurso e assim por diante”. Nesse contexto, não são os

sujeitos físicos e seus lugares empíricos que funcionam e significam nesse jogo discursivo e imagético, mas o quê e como suas imagens significam em determinado discurso, levando em conta a memória vinculada a essa posição social e a relação de sentidos que ela produz (ORLANDI, 2003).

Ao ponderar o papel da memória na significação dos sujeitos, vemos que é por meio do interdiscurso, por uma filiação de dizeres, que certo discurso se inscreve em uma determinada formação discursiva em relação à outra. Essa relação estabelecida, língua-discurso, está diretamente ligada às “escolhas” lexicais do sujeito interpelado pela ideologia, que funcionam discursivamente, e produz relações de sentido que não estão atreladas às palavras, mas a sua atuação simbólica no discurso.

Assim, o que um sujeito está autorizado a dizer, de acordo com sua posição social, está também regulado por formações discursivas às quais se filia. Sintetizando o conceito de formação discursiva, retomamos Orlandi (2003), ao dizer que a formação discursiva pode ser entendida como o que pode e que deve ser dito em uma formação ideológica, a depender de uma posição em uma conjuntura sócio-histórica. Ao mesmo tempo, faz-se necessário presumir a sua heterogeneidade, pois em concordância com Orlandi (2003, p. 44), admitimos que as formações discursivas “são constituídas pela contradição, são heterogêneas nelas mesmas e suas fronteiras são fluidas, configurando-se e reconfigurando-se continuamente em suas relações”.

O discurso só produz determinado sentido se ele se inscreve em uma formação discursiva, por sua vez, esta representa as formações ideológicas. Esses desdobramentos constitucionais mobilizados quando o sujeito diz algo são responsáveis por materializar discursos nas palavras, a partir seleção das palavras em uma enunciação, as ideologias significam os sujeitos envolvidos na interlocução, tal qual o objeto sobre o qual se fala. É nesse ponto que língua e ideologia estão articuladas.

3 O JORNAL, AS MANIFESTAÇÕES E AS CONSTRUÇÕES DE IDENTIDADES DISCURSIVAS

Enquanto instituição, o jornal faz circular na sociedade sentidos naturalizados a partir da imagem (validada) que projeta na sociedade, como se estivesse propenso a exercer a função de informar, relatar a “verdade”. Ele é um lugar legitimado e por isso produz o efeito, não apenas de “verdade”, mas também de neutralidade/imparcialidade, sustentando o mito da “informatividade”. Mariani (1999, p. 53), ao analisar o funcionamento da imprensa, afirma que os jornais “constroem uma linha fictícia [...] entre a informação e a opinião”.

O dizer jornalístico está distante de reproduzir a “verdade”, embora, no decorrer dos anos, cada vez mais ele cause esse efeito na comunidade em geral. O jornal não retrata a “verdade”, mas (re)produz dizeres com *status* de verdades, por meio de recortes que lhe convém em dada circunstância, em dado momento sócio-político, a partir de condições de produção específicas. Propriedade esta proporcionada pelo seu lugar legitimado, reconhecido pela coletividade: sua interferência na produção de estabilidades é dissimulada.

Os jornais constroem suas matérias a partir de dizeres estabilizados, já-ditos, fazendo-os significar pela atuação da memória⁵. Ademais, de acordo com Coracini (2003, p. 204) “uma das características fundamentais do discurso jornalístico é atuar na institucionalização social de sentidos, contribuindo para a cristalização da memória do passado, bem como para a construção da memória do futuro”. A partir de recortes de um fato ocorrido, os jornais constroem sua própria “verdade”, como parte de uma rede encadeada em que cada dizer estabelece conexão(ões) com outro(s).

Os discursos que figuram nos jornais, concebidos socialmente como verdades, são responsáveis também por construírem identidades. A partir das contribuições de

⁵ Memória está sendo compreendida como memória discursiva, na perspectiva do interdiscurso. Orlandi (2003, p. 31) define a memória como “o que fala antes, em outro lugar, independentemente. Para ela, é o “saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito, que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra.”

Coracini (2003), compreendemos que a identidade não é inata nem natural, mas estabilizada por meio de processos inconscientes. Em consequência dessa instabilidade, permanece sempre incompleta, sempre em processo, sempre em formação.

Ao produzir verdades e, logo, identidades, o jornal coloca em circulação dizeres que “repetidos e ao mesmo tempo transformados em narrativas, vão constituindo a memória discursiva de um povo e construindo uma nação.” (CORACINI, 2003, p. 203). Estamos, portanto, encarando a identidade como tendo sua existência no imaginário do sujeito (CORACINI, 2003). O jornal por sua vez, sustenta esse imaginário coletivo, fazendo significar a ideia de identidade sobre o objeto do qual se fala.

Embora o conceito de identidade seja complexo e muitas vezes subjetivo, para este trabalho estamos compreendendo a produção de identidades discursivas. Como aponta Silva (2000), a identidade é uma relação social, que implica à sua definição, linguística e discursiva, vetores de força, relações de poder. Assim, a identidade é construída socialmente por sujeitos ou instituições associadas a uma ideia de maior poder. O jornal – condutor e produtor de dizeres estabilizados – tem essa autoridade para dizer, estabelecer “verdades”, ao mesmo tempo em que constrói identidades discursivas, sendo essas ligadas a sistemas de representação (SILVA, 2000).

Dessa maneira, ao falar sobre o jovem, o jornal, vai aos poucos tecendo um perfil, fazendo circular e colocando em funcionamento a atuação do jovem manifestante, em meio ao contexto de protestos em ambos os momentos históricos. A imagem do jovem advinda de outros discursos é reconfigurada e retomada nas notícias de cada um desses acontecimentos, no movimento dos “carapintadas” e nas “Jornadas de Junho”.

Como apresentaremos no *corpus*, a construção da imagem do jovem manifestante está muito dependente do imaginário e dos dizeres estabilizados construídos ao longo dos anos, sobre o que é ser jovem em determinado momento histórico, agindo em determinado lugar em um determinado contexto sócio-político.

Assim, a imagem-retrato do jovem manifestante está sempre sofrendo a atuação do “mecanismo ideológico de produção das aparências de obviedade” (CORACINI, 2013), efeitos esses produzidos pela imprensa, pela cobertura do jornal, que procura colocar o seu ponto de vista como “real” em relação aos fatos noticiados.

Consideramos ser relevante, para a proposta do trabalho e para a configuração do nosso material de análise, tecer algumas considerações a respeito do que estamos concebendo por movimentos sociais. Tal definição de movimentos ou manifestações sociais, a nosso ver, ganha relevância ao trabalharmos com dois grandes acontecimentos, compreendidos como tais pela mídia e pela sociedade em geral: o impeachment do presidente Collor e as “Jornadas de Junho”.

Assim, buscando compreender o caráter desses eventos – visíveis, principalmente, pelo grande número de integrantes – recuperamos as palavras de Gohn (2011) que encara os movimentos sociais como ações coletivas e sociais, de cunho sócio-político e cultural, que permitem à sociedade e à população diferentes formas de se organizar e apresentar suas demandas.

As definições de manifestação, usadas por Gohn (2011), são condizentes com as características das duas manifestações sociais pensadas para este artigo. Ambas levaram às ruas um grande número de pessoas que, de alguma forma, tinham, como diz a autora, interesses coletivos, quanto ao contexto sócio-político em cada um desses momentos históricos.

Nesse íterim, como uma forma de levantar pontos em comum nos dois eventos que estamos chamando de manifestações sociais, o impeachment de Fernando Collor de Mello e as “Jornadas de Junho”, buscamos novamente Gohn (2011, p. 335), ao entender que, na sua concretude, os movimentos assumem diferentes táticas e metodologias variáveis, pois podem ir da simples denúncia “passando pela pressão direta (mobilizações, marchas, concentrações, passeatas, distúrbios à ordem constituída, atos de desobediência civil, negociações etc.) até as pressões indiretas”.

Como uma forma de definir o caráter das manifestações, podemos dizer que elas “representam forças sociais organizadas, aglutinam as pessoas não como força-

tarefa de ordem numérica, como campo de atividades e experimentação social, e essas atividades são fontes geradoras de criatividade e inovações socioculturais” (GOHN, 2011, p. 336). Ademais, compreendemos que essas organizações criam identidades para grupos outrora dispersos e desorganizados. Geralmente, as mobilizações sociais são caracterizadas por apresentarem práticas próprias de mobilização, com o fim de reivindicar direitos ao mesmo tempo em que tendem a organizar mais pessoas para aderirem ao movimento.

No impeachment do presidente Collor, milhares de jovens – a maioria estudantes – foram às ruas, depois que o presidente foi denunciado por seu irmão, Pedro Affonso Collor de Mello “de ser sócio de Paulo César (PC) Farias em negócios ilícitos para levantar recursos que custeavam gastos pessoais e campanhas políticas” (O ESTADÃO, 2012). Esse episódio, ao se espalhar na/pela mídia, impulsionou a irrupção de várias manifestações no país exigindo que o presidente fosse destituído do cargo. Nessa época, Fernando Collor de Mello era filiado ao Partido da Reconstrução Nacional (PRN), partido fundamentado em ideologias da direita política. Quando fundado, em 1985, era designado com o nome de Partido da Juventude (PJ). Em 1989, passou a ser denominado por PRN, quando, então, Fernando Collor de Mello⁶ foi eleito presidente.

Já nas “Jornadas de Junho” o principal evento que mobilizou a população a ir à rua foi, primeiramente, o aumento da tarifa de transporte público. Com o decorrente aumento dos participantes, cresceu também o número de manifestações. Os “vinte centavos” (valor do aumento da passagem) passaram a significar de outra forma, apontando para outros discursos, para outras problematizações, como o contexto político, em forma de denúncias à corrupção, à cobrança de impostos excessivos, às falhas dos serviços públicos, como saúde, educação, os gastos com a Copa das Confederações etc.

Nos dois casos analisados, várias manifestações ocorreram pelo país, levando pessoas às ruas, porém, cada uma delas partiu de um agente motriz para propagar o

⁶ Informações recolhidas na biografia de Fernando Collor de Mello, disponível no site do Planalto (BRASIL, 2014, <http://www4.planalto.gov.br/informacoespresidenciais/fernando-collor>).

número de protestos e a quantidade de manifestantes. Uma ressalva faz-se necessária: o modo de divulgação, comunicação e propagação dos protestos nos dois períodos é de suma importância para pensar suas dimensões, sujeitos envolvidos, assim como para pensar a própria atuação da mídia em ambos os casos.

Atualmente, as mobilizações sociais podem partir de redes sociais, bem como de outros meios de comunicação. Além disso, é preciso avaliar o alcance dessas novas tecnologias e a sua proliferação no meio midiático. Diferentemente do período de mobilizações pelo impeachment do presidente Collor, quando a internet não fazia parte do cotidiano do cidadão brasileiro e as manifestações precisavam ser organizadas com vários dias de antecedência. Os meios de comunicação atingiam uma porcentagem de pessoas menor e com mais demora, se compararmos aos meios de comunicação e divulgação utilizados nos dias atuais, visto que “a criação e o desenvolvimento de novos saberes, na atualidade, são também produtos dessa comunicabilidade” (GOHN, 2011, p. 336).

Em meio a essas diferenças apontadas até aqui, temos, contudo, pontos de convergência entre os dois eventos e suas manifestações, um deles é a inquietação popular em busca de: se inscreverem discursivamente como sujeitos a reivindicar direitos; de tentar mostrar sua voz; de criar uma voz coletiva.

Outro ponto constante nas manifestações e foco deste artigo é a construção da identidade do jovem manifestante por meio do jornal, como veremos no *corpus*, tanto na versão antiga, impressa em 1992, quanto na versão atual, que circulou no mês de junho de 2013.

4 MOVIMENTOS ANALÍTICOS: AS REGULARIDADES DISCURSIVAS

Na presente pesquisa, o *corpus* é constituído por oito reportagens, recolhidas do acervo digital do jornal “Folha de S. Paulo”, sendo algumas publicadas entre os dias 26 e 31 do mês de Agosto 1992, e outras, de 2013, publicadas no mês de Junho. Nesse acervo digital da “Folha de S. Paulo” são disponibilizados jornais dos mais antigos aos mais atuais, de acordo com as regras estabelecidas pelo próprio jornal.

Primeiramente, em relação às manifestações em prol do impeachment, em que entraram em cena os “carapintadas”, foram recolhidos os jornais publicados na última semana de Agosto devido à recorrência do tema nesse material. Também nessa semana, ocorreu maior incidência de reportagens noticiando a atuação do jovem nas manifestações, inclusive o jornal “Folha de S. Paulo” dedicou, nesse mesmo período, o Caderno Especial Folha *teen* (26/08/1992) para falar sobre o assunto.

Já entre os jornais de junho de 2013, foram recolhidos os que maior apresentaram a atuação do jovem manifestante, pois as “Jornadas de Junho” concentraram uma população mais heterogênea em relação às mobilizações de 1992. Além do mais, o recorte abrange tal período pela publicação de um número elevado de notícias a respeito das manifestações.

Esses dois primeiros recortes, contemplando as manifestações ocorridas em 1992 e, depois, as advindas em 2013, constituiu, em um primeiro momento, o nosso material de análise. Em seguida, passamos a investigar a recorrência de regularidades discursivas funcionando na produção de sentidos nesse material.

Dentre as várias possibilidades de análise, entramos com um novo recorte das reportagens recolhidas. Pensando no sujeito jovem manifestante, chegamos à categorização de três regularidades discursivas: 1) “rebeldes sem causa” quando o jornal tenta mostrar que o jovem vai para as ruas manifestar, mas sem um objetivo claro, explícito, com o fim de causar tumulto, caos etc.; 2) “as ‘faces’ do manifestante” quando o jornal noticia o/sobre jovem na reportagem, e ao mesmo tempo mostra outros elementos (“negativos” ou “incompatíveis” ao protesto) ligados a ele, tais como roupas, comportamento etc.; e 3) “esquerdistas” que os mostra sempre ligados a partidos de esquerda. Essas regularidades foram identificadas levando em conta as formações imaginárias, ou seja, as imagens que o jornal faz significar sobre o jovem manifestante, e como ele constrói um determinado perfil, pensando nesse jogo de imagens (e interesses!) presente na produção do discurso.

Embora o contexto sócio-histórico de 2013 seja outro, diferente de outrora, a maneira de construir o jovem manifestante é semelhante em ambos os períodos.

Mesmo que as estratégias de falar sobre esses sujeitos no discurso sejam outras, e o próprio jornal tenha mudado sua estrutura, formato e aparência, verificamos, ainda sim, discursos que são constantes, tanto em reportagens do jornal de 1992, quanto de 2013.

A “Folha de S. Paulo”, em 1992, se posicionou de maneira desconfiada para com os “carapintadas”, produzindo, em suas reportagens, o efeito de dúvida sobre o valor do movimento pelo impeachment, e atualmente, em 2013, essa posição não foi muito distinta. Os jovens manifestantes, colocados em uma posição de desestabilizadores de uma suposta “ordem” social, significam as manifestações, que assumem um efeito negativo e passam a ser vistas como palco de instalação do lúdico e da exibição do jovem.

Essas representações do jovem manifestante, ao considerar a construção de imagens e de identidades na mídia, estabelecem também uma relação de dependência com as condições de produção. Para receber o jornal (impresso) “Folha de S. Paulo” concomitante às notícias, por meio das publicações diárias, é preciso ser assinante, e, portanto, pagar um determinado valor mensal para usufruir deste serviço. Este mesmo veículo de informação e comunicação apresenta, ainda, a versão *online*, em que diversas matérias ficam disponibilizadas na internet. Entretanto, algumas matérias e reportagens ficam restritas também aos assinantes. Esse aspecto o torna mais propício às classes sociais mais privilegiadas (financeiramente), pelo seu poder de compra.

O jornal, assim como todo discurso, é constituído ideologicamente, e por isso, sua argumentação também vai ser dirigida pensando nessa imagem projetada do seu provável público-alvo e será pautada na representação que o jornal tem dessas prováveis classes média e alta.

As relações de forças estabelecidas pelas formações imaginárias produzem as seguintes imagens: a) jornal (sua própria imagem); b) jornal/interlocutor; c) jornal/jovens manifestantes, a depender das formações discursivas, há a reafirmação do lugar legitimado do jornal, do mito da informatividade, “do poder dizer” nas reportagens analisadas. Para Orlandi (2001), as formações discursivas são projeções

da ideologia no discurso. Esse fato, para a autora, permite traçar procedimentos, na análise de dado discurso, sobre a projeção do lugar social, envolvendo para isso a relação entre lugar de enunciação e posição-sujeito.

Após observar esses dizeres recorrentes no *corpus*, apresentamos treze recortes analíticos, a fim de discutir as materializações discursivas que envolvem a construção do jovem, buscando mostrar, neles e a partir deles, como o jovem manifestante aparece nas reportagens analisadas e os efeitos de sentido possíveis que advêm dessas representações.

A primeira regularidade observada no *corpus* – uma das mais recorrentes nas reportagens – foi chamada de “as ‘faces’ do manifestante”, em que o jornal deixa de focalizar o jovem na manifestação e a atenção volta-se para a caracterização do perfil desse jovem que protesta. Dispomos, a seguir, seis recortes discursivos que estão norteados a partir dessa regularidade.

Recorte 1

Para o casal *Manifestante 1*⁷, 17, e *Manifestante 2*, 17, alunos do Colégio Objetivo, ontem foi um dia **importante em suas vidas amorosas**. Eles já estavam a fim um do outro na escola. **O clima da manifestação acabou juntando os dois**. “Nosso namoro começou a se consolidar aqui”, disse Roberto (Folha de S. Paulo, Especial – Folhateen, 26 out. 1992, grifos nossos).

Recorte 2

Manifestante 3, 22, enfrentou sua primeira manifestação **vestindo calça de ginástica justinha, tênis rosa - choque, mochila Nike, batom e rímel**. No seu kit de protesto, também tinha uma máscara de pintor (R\$ 17) contra o gás lacrimogêneo, óculos de proteção (R\$ 13) e vinagre (pegou da sua mãe, em casa) (Folha de S. Paulo, Cotidiano, 18 de jun. 2013, grifos nossos).

Recorte 3

O caldeirão cultural que alimenta os protestos mistura política e publicidade, **heróis Marvel, Maio de 68 e poesia concreta. E a surrada máscara de “V de Vingança”** (Folha de S. Paulo, Ilustrada, 23 de jun. 2013, grifos nossos).

Recorte 4

Do alto de um carro de som, uma menina leu um poema e o apresentou como sendo do músico Raul Seixas. O rapaz que comandava o carro tomou o

⁷ Os nomes dos jovens, contidos em alguns trechos das reportagens, foram substituídos pela palavra *Manifestante*, seguida por um número de acordo com a ordem disposta nos recortes. Essa estratégia foi usada com o fim de não identificar o entrevistado do jornal, com exceção, apenas, do presidente da UNE, em 1992, que pode ser reportado pela história da organização.

microfone e pediu palmas para o pedagogo Paulo Freire. A menina tomou o microfone de volta e disse que o poema era de Raul Seixas, não de Paulo Freire. O rapaz, então, pediu palmas para Raul Seixas e começou cantar o “hit” dos hippies, “Vida Alternativa”, de Seixas e Paulo Coelho. (Folha de S. Paulo, Especial – Folhateen, 26 de ago. 1992 Grifos nossos).

Recorte 5

O protesto dos descontentes com o Brasil virou uma guerra alegre. Os gritos foram permeados por risadas e piadas e entre uma palavra de ordem e outra se escutou de tudo: **Doors, Beatles, Caetano Veloso, Geraldo Vandré, Raul Seixas, símbolos da rebeldia de outros tempos.**

Os tempos agora estavam no peito: **não faltaram as camisetas de banda nem as jaquetas de couro.** Além do peito, nas caras de quem ainda tem tudo pela frente. (Folha de S. Paulo, Especial – Folhateen, 26 de ago. 1992, grifos nossos).

Recorte 6

No largo da batata, na concentração, para o início da caminhada, participantes tocavam um **sambinha, alguns poucos tomavam cerveja e o clima era descontraído**, com a polícia bastante discreta, longe dos manifestantes. “Que vergonha, o busão ta mais caro que a **maconha**”, gritavam alguns. Maconha, aliás, não faltou: por todo lado tinha gente enrolando um cigarro. (Folha de S. Paulo, Cotidiano, 18 de jun. 2013 grifos nossos).

Ao noticiar as manifestações, às vezes o jornal tira o foco do protesto, voltando-se para trajes, comportamentos e músicas cantadas pelos jovens. Os recortes apresentados materializam essa regularidade, de modo que aos poucos, o jornal constrói esse efeito de desconfiança acerca das manifestações e consequentemente da participação do jovem manifestante, e logo, sua divisão com outros assuntos, como namoro ou aparência. Trajes, comportamentos, acessórios e música também foram argumentos para traçar esse perfil negativo do jovem manifestante, que significa e é significado, no jornal, como um sujeito de preocupações aparentes, incompatíveis com o propósito do ato de manifestar.

Nos **Recortes 1 a 3** o jornal reporta namoros e paqueras, mostrando a ideia de despropósito dos jovens manifestantes ao irem para o ato, ou seja, sua participação deixa de significar como social e política e é deslocada para os interesses pessoais, como no caso do **Recorte 1**, o namoro: “O clima da manifestação acabou juntando os dois”. Ainda, nesses mesmos recortes, **1 a 3**, o jornal aponta para

posturas que de certa forma significam como incompatíveis com o contexto de protestos. Esse fato pode ser verificado quando na reportagem aparecem detalhes de uma determinada manifestante: "*Manifestante 3, 22*, enfrentou sua primeira manifestação vestindo calça de ginástica justinha, tênis rosa - choque, mochila Nike, batom e rímel".

No **Recorte 3**, a reportagem categorizou o protesto como um "caldeirão cultural" que misturou "heróis Marvel, Maio de 68 e poesia concreta. E a surrada máscara de 'V de Vingança'". Novamente, o jornal contesta a atuação do jovem manifestante, mostrando um suposto desvio de foco e de objetivo por parte dos sujeitos sobre os quais está falando.

Temos, ademais, outras formas do jornal apartar-se da temática das manifestações, dando maior atenção, por exemplo, às músicas cantadas pelo jovem durante os protestos. A "Folha de S. Paulo", em 1992, citou alguns cantores e grupos musicais, denominando-os como "rebeldes", tais como: Geraldo Vandré, Raul Seixas, The Beatles, The Doors, que, de alguma forma se mostravam resistentes em relação à política, às "verdades" naturalizadas socialmente, à imposição social, etc. No contexto das manifestações de 1992, esses cantores e grupos musicais foram representados e significados como ícones da rebeldia indisciplinada, e por isso, o jornal tenta mostrar a influência musical desses cantores em relação aos jovens manifestantes, como vemos no **Recorte 4**: "O rapaz, então, pediu palmas para Raul Seixas e começou cantar o "hit" dos hippies, "Vida Alternativa", de Seixas e Paulo Coelho"; e no **Recorte 5**: "entre uma palavra de ordem e outra se escutou de tudo: Doors, Beatles, Caetano Veloso, Geraldo Vandré, Raul Seixas, símbolos da rebeldia de outros tempos."

Embora a referência à música e comportamento seja menor no jornal de 2013, ainda o samba e a cerveja significam, no jornal, como uma forma de mostrar esse cenário de manifestação enquanto o lugar da desconcentração, da diversão, ou seja, traça o perfil de um jovem pouco interessado em reivindicar direitos, e mais inclinado à festa, ao descompromisso. Mas para fazer sentido, essa ideia de pouco objetivo e interesse por parte dos jovens manifestantes, a memória resgata o

discurso que circula socialmente de que o brasileiro não se envolve afundo em questões políticas.

A memória exerce papel fundamental na construção dessas significações a respeito do jovem. Ela resgata juventudes de outras épocas, que de alguma forma contestavam os costumes e pensamentos de cada época. Esse ímpeto por mudança materializava-se nas roupas, nas músicas, na busca pela identidade, assim como pela liberdade de expressão, contestando desde a política até a educação, e logo, a organização político-social. Remontando a história, assinalamos algumas dessas juventudes vistas socialmente como rebeldes: a dos anos 60, com a ascensão do *rock and roll*, acompanhado do comportamento extravagante e do uso de drogas. E não foi apenas nesse aspecto, os jovens dessa época também mantinham resistência em relação ao capitalismo vigente nessa sociedade em ascensão. Citamos, também, o novo perfil de moças e mulheres, com novos cortes de cabelos e roupas mais curtas. No fim dessa mesma década, em 1968, jovens se uniram para contestar o Regime Militar, essa manifestação foi chamada de "Passeata dos Cem Mil". Passando para outro período histórico, temos os "rebeldes" do período de redemocratização. Eles, em 1984, saem às ruas para pedir as "Diretas já", ou seja, a volta das eleições diretas para eleição presidencial.

Ao refletir sobre o jovem significado como rebelde, a ele está associada também a identidade de um jovem desinteressado. Por meio das regularidades já tratadas, a "Folha de S. Paulo" mostra um sujeito manifestante que não tem uma causa bem delimitada, que manifesta, mas sem um objetivo pertinente. Para a discussão dessa regularidade, seguem 3 recortes discursivos sobre a regularidade "rebeldes sem causa", materializando essa noção de rebeldia sem um objetivo delimitado.

Recorte 7

Ele carregava um ramo de planta "abre-caminho, que é sagrada no candomblé". Veterano das marchas da maconha, acha que, nesse protesto, é a primeira vez em que realmente as pessoas têm propósito firma. "É uma coisa muito concreta. Estamos juntos descobrindo o poder de mobilização que temos", **dizia,**

enquanto conversava com o namorado ao celular. (Folha de S. Paulo, Cotidiano, 18 de jun. 2013, grifos nossos).

Recorte 8

Eles “só” querem derrubar o presidente da República. Não sabem quem gostariam que estivesse no lugar dele, não têm definição partidária e muitos até declaram não gostar de política. Na fermentação das passeatas, no entanto, estão aprendendo a gostar – e a pensar no assunto. (Folha de S. Paulo, Especial – Folhateen, 31 ago. 1992, grifos nossos).

Recorte 9

(*Manifestante 3*) “Estou aqui contra as corrupções e pelos direitos”. Quais? “Ah, todos.” É o preço da passagem de ônibus em Campinas, também é alto? “Camila, quanto custa mesmo o ônibus?”, perguntou para a amiga. “R\$ 3,30”, foi a resposta. (Folha de S. Paulo, Cotidiano, 18 de jun. 2013)

Para colocar em funcionamento a imagem da indisciplina, por parte dos jovens, tendo as classes mais conservadoras como prováveis interlocutores da reportagem, o jornal descreve elementos para tentar mostrar uma postura negativa do manifestante, quando detalha determinados comportamentos. No **Recorte 7**, um trecho da reportagem descreve um manifestante portando uma “erva-abre-caminho”⁸. O jornal, nesse caso, aponta para o discurso religioso, ou a presença de religiões não cristãs, ao falar da “erva-abre-caminho”. É necessário considerar que as diversas religiões constituem as condições de produção da sociedade. Segundo o site do IBGE (2014), “o crescimento da pluralidade de religiões [...] foi constatado, assim como o aumento dos ‘sem religião’ e dos evangélicos, observando-se que os católicos, apesar de terem caído, continuam a expressiva maioria (de 83,8% para 73,8%)” (IBGE, 2014). Assim, em um contexto em que o jovem é tido como rebelde, sua afinidade com religiões não cristãs significam negativamente, se levarmos em conta a predominância de católicos e evangélicos no espaço social.

No mesmo **Recorte 7**, o jornal relata o caso de um jovem manifestante, do sexo masculino, que dá entrevista, segundo a “Folha de S. Paulo”, ao mesmo tempo em que fala com o namorado ao celular. O jornal tentar traçar uma imagem

⁸ As ervas-abre-caminho são usadas em outras crenças, ou seja, que não se identificam com os princípios religiosos e ideológicos católicos e evangélicos.

negativada desse jovem pela questão da homoafetividade. Pelas condições de produção, recuperamos uma sociedade em que as relações entre pessoas de mesmo sexo são vistas preconceituosamente, sobressaindo os discursos conservadores das relações ditas tradicionais e aceitáveis apenas entre pessoas de sexo oposto. Fato esse que colabora para essa imagem pré-construída de indisciplina, própria do sujeito que se rebela, que está fora dos “padrões” impostos no espaço social.

Ademais, esse mesmo manifestante é referido, na mesma reportagem, como “veterano em marchas da maconha”. O jornal traça uma visão negativa do jovem ao mesmo tempo em que coloca em circulação a não aceitação do outro enquanto diferente. Por esse motivo, a reportagem faz uma cisão no tema central, e lança atenção para o jovem fazendo-o significar, pelo e no imaginário, como adepto de uma conduta “errada” em relação aos “padrões predominantes” na sociedade burguesa e capitalista.

Ainda a imagem negativa do sujeito jovem manifestante despropositado, sem foco e objetivos delimitados, está funcionando no **Recorte 8**, quando o jornal diz que “eles ‘só’ querem derrubar o presidente”, com a escolha lexical do advérbio “só”, mais uma vez o jornal trabalha com a ideia de um jovem pouco centrado, supostamente alienado em relação à política, e que se deixa influenciar, neste caso, por outros jovens. Ao mesmo tempo em que esses dizeres entram em funcionamento, a polêmica da corrupção em que Fernando Collor de Mello estava envolvido foi silenciada.

No **Recorte 9**, emerge, mais uma vez, a representação do jovem que participa do protesto, sem estar “devidamente” engajado, mas adere ao movimento simplesmente por ser persuadido por amigos, pela juventude, pelo fervor que esse cenário tende a propiciar. O jornal mostra que uma das manifestantes não estava inteirada do preço da passagem de ônibus – uma das primeiras causas que motivaram os protestos – fazendo com que a produção de sentidos deslize de jovem manifestante à reafirmação do “rebelde sem causa”.

As regularidades apresentadas até aqui nos fornecem condições de mostrar como a imagem do jovem rebelde funciona em todo o *corpus*, apontando também

para vários outros discursos, em um elo com a memória e com os já-ditos. Dentre esses, emergem os discursos sobre a esquerda política, posição que sofreu resistência na sociedade em determinado período histórico, contribuindo para essa imagem negativada do jovem na manifestação. Os quatro recortes logo a seguir representam essa regularidade, categorizada por “esquerdistas”.

Recorte 10

“Esta é a maior passeata da história da UNE”, repetia, eufórico, Lindbergh Farias, 22, presidente da entidade. **Ele é ligado ao PC do B**, mas chegou a abraçar o presidente do Centro Acadêmico de Engenharia do Mackenzie, Flávio Conte, que pretende votar em Paulo Maluf (PDS) na eleição municipal. (Folha de S. Paulo, Especial – Folhateen, 26 de ago. 1992, grifos nossos).

Recorte 11

Tinha desde patricinhas desgarradas, até “habitués” de passeatas, **integrantes do PSOL e PSTU, membros idealizadores do protesto, como o Movimento Passe Livre** [...] (Folha de S. Paulo, Cotidiano, 18 de jun. 2013, grifos nossos).

Recorte 12

Bombas de gás viraram “angry birds”, o popular jogo para celulares. Sobraram piercings e tatuagens. Mas estudantes que têm saído às ruas repetem gerações anteriores ao **tentar uma aliança com as “classes trabalhadoras”** e esperar que os protestos se transformem em algo maior. (Folha de S. Paulo, Cotidiano, 16 de jun. 2013, grifos nossos).

Recorte 13

Seus dirigentes [da UNE] e os da Ubes estiveram em Cuba, na extinta Checoslováquia e até no Iraque. Em visita às suas sedes se escuta jargões como “Imperialismo é a fase final do capitalismo”; “Não vou viver em Cuba, porque vou fazer a revolução aqui” – nem sempre familiares aos estudantes que deram corpo e alma à passeata. (Folha de S. Paulo, Especial – Folhateen, 26 de ago. 1992)

Por meio dessa última sequência de recortes, vemos que os partidos de esquerda são retomados nesses contextos de “desordem”. O modo como estão inscritos coloca em funcionamento uma série de discursos estabilizados socialmente sobre a esquerda política. Muitas vezes, esses partidos são midiaticamente negativados, sendo, ora ou outra, associados à incompetência, à contradição, à corrupção, e principalmente, à desordem e rebeldia.

Como nos mostra Indursky (2003) pouco se fala hoje de comunismo no Brasil, essa designação perdeu força, sua referência foi apagada do contexto político. Mas, analisando o funcionamento desse termo na mídia, verificamos que esse apagamento é ilusório, visto que, embora o termo esteja em desuso mudou-se a forma de nomeá-lo (INDURSKY, 2003). “Este “apagamento” é resultado da queda do muro de Berlim e do fim do comunismo real” (INDURSKY, 2003, p. 105). Os sentidos atribuídos agora, ao se falar da esquerda, remetem às imagens negativas produzidas quando se falava, outrora, de comunismo.

Ademais, a memória está sempre funcionando para que seja projetada, na esquerda, a ideia de negação do comunismo. Por isso os partidos de esquerda produzem sempre essa noção de caos, de desarmonia. A ideia de fracasso do comunismo, segundo Indursky (2003, p.105), pelo deslocamento de sentidos, “ressoa toda a incompetência do comunismo real. Ou seja: o comunismo foi incompetente nos países socialistas e o será no Brasil, caso os brasileiros pensem em eleger um governante comunista”.

Esse fato significa no nosso *corpus* e faz também com que os manifestantes sejam significados pelo mesmo processo: jovens rebeldes, que, por sua vez, estão aliados à esquerda política. Assim, nas reportagens, as referências ao comunismo sempre vêm à tona, como uma forma de tentar justificar o caos social produzido pelos jovens manifestantes, projeção essa recorrente em todo nosso *corpus*, tanto no jornal de 1992, quanto no jornal de 2013.

No **Recorte 10**, Lindbergh Farias, presidente da UNE, em 1992, enquanto líder da organização dos estudantes aparece, na reportagem como “ligado ao PC do B”, mas que abraça “o presidente do Centro Acadêmico de Engenharia do Mackenzie, Flávio Conte, que pretende votar em Paulo Maluf (PDS) na eleição municipal”. Neste contexto, Lindbergh Farias aparece em uma situação de suposta contradição, desvio de princípios, como se de alguma forma, ao cumprimentar o presidente do Centro Acadêmico de Engenharia do Mackenzie, estivesse compactuando com outros partidos ou perdendo de vista os ideais propostos pelo partido do qual fazia parte (PC do B).

Os princípios da esquerda política estão fundamentados, principalmente na ideia de igualdade e voltam-se mais para as classes menos privilegiadas socialmente. Nos **Recortes 11** e **12** temos a menção ao Partido Solidariedade e Liberdade (PSOL) e ao Partido dos Trabalhadores Unificados (PSTU). Levando em conta que o jornal tem como provável leitor as classes média e alta, coloca em jogo uma espécie de assimetria entre os interesses levantados nas e com as manifestações e essas classes mais privilegiadas. Esse jogo de interesses fica marcado quando o jornal, afirma, **no Recorte 11**, que havia “patricinhas” nas manifestações, ou seja, meninas que são sustentadas por pais que dispõem de recursos financeiros, sendo, portanto, sua participação injustificada. No **Recorte 12**, a reportagem afirma que os integrantes de outras manifestações também tentaram alianças com as classes trabalhadoras, pois essas são “responsáveis” pela desordem, pelo caos etc.

No **Recorte 13**, o que está significando é a possível incorporação, por parte dos manifestantes e presidentes da UNE e da Ubes, dos valores e ideologias políticas adotadas em países de orientação partidária de esquerda como acontece em Cuba, por exemplo. Para Indursky (2003) o comunismo, enquanto referência político-partidária perdeu seu lugar, mas a esquerda resgata esses vestígios, da falta de discernimento em relação à organização e participação dos jovens nas manifestações. Contudo, para que essa construção identitária do jovem manifestante, rebelde, de esquerda política, faça sentido é preciso que tais formulações já estejam no imaginário social. O sentido dessas formulações está inscrito em determinadas formações discursivas e são as relações estabelecidas entre o contexto, de caos, de “desordem” que permitem a filiação a determinada formação discursiva, “Ou seja: estamos em pleno domínio das paráfrases discursivas, onde o sentido pode deslizar, sem desvincular-se de sua Formação Discursiva” (INDURSKY, 2003, p. 105). Esse mecanismo possibilita um discurso ser repetido e reformulado em outros discursos, em outras circunstâncias.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do percurso realizado neste trabalho, consideramos que as formações imaginárias são determinantes para a construção de uma identidade do jovem manifestante. Sua representação dialoga com outros discursos sobre o jovem, em diversos contextos e épocas, retomando jovens de outras épocas que também foram considerados rebeldes por irem à contramão de dizeres naturalizados como “verdadeiros”, “corretos”, etc.

Dessa maneira, encaramos as representações produzidas sobre o jovem como uma forma ideológica de o jornal noticiar as manifestações, ao mesmo tempo em que seu lugar e sua posição legitimada sustentam essa possibilidade.

A mídia exerce grande influência no processo de estabilização desses dizeres, no funcionamento de determinados discursos, assim como acontece com o jovem, sempre visto como “rebelde”, significado como propulsor da desordem social. Destacamos que a mídia, enquanto produtora de identidades e de estabilidades viabiliza esse processo, cristalizando sentidos, até mesmo no que se refere à sua própria imagem mítica de neutralidade e informatividade.

REFERÊNCIAS

BRASIL, 2014. Acesso em: 19 de jun. de 2014. Disponível em: <http://www4.planalto.gov.br/informacoespresidenciais/fernando-collor>.

CORACINI, M. J. R. F. **A celebração do outro na constituição da identidade**. UFRGS: Organon, 2003. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/organon/article/view/30024>. Acesso em: 24 de jul. de 2014.

FOLHA DE S. PAULO. **A caminho do confronto**. SP: Acervo Folha. Disponível em: <http://acervo.folha.com.br/>. Acesso em: 19 de jun. de 2014.

_____. **“A gente não somos mais inútil”**. SP: Especial, Folhateen, 26/08/1992. Acervo Folha. Disponível em: <http://acervo.folha.com.br/>. Acesso em: 19 de jun. de 2014.

_____. **Alegria foi prova dos nove na passeata**. SP: Especial, Folhateen, 26/08/1992. SP: Acervo Folha. Disponível em: <http://acervo.folha.com.br/>. Acesso em: 19 de jun. de 2014.

_____. **A primeira passeata a gente nunca esquece.** Especial: Folhateen, 26/08/1992. SP: Acervo Folha. Disponível em: <http://acervo.folha.com.br/>. Acesso em: 19 de jun. de 2014.

_____. **Benito e Daniela trocam telefones na rua.** Especial: Folhateen, 26/08/1992. SP: Acervo Folha. Disponível em: <http://acervo.folha.com.br/>. Acesso em: 19 de jun. de 2014.

_____. **'Maior passeata da UNE' surpreende líder.** Especial: Folhateen, 26/08/1992. SP: Acervo Folha. Disponível em: <http://acervo.folha.com.br/>. Acesso em: 19 de jun. de 2014.

_____. **#Olhodarua.** SP: Ilustrada, 23/06/2013. Acesso em: 19 de jun. de 2014.

_____. **Por que fui?** SP: Cotidiano. 18/06/2013. <http://acervo.folha.com.br/>. Acesso em: 19 de jun. de 2014.

GOHN, M. da G. **Teoria dos movimentos sociais:** paradigmas clássicos e contemporâneos. MG: Revista Brasileira de Educação, v. 16 n. 47, 2011.

IBGE, 2014. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/>. Acesso em: 21 de ago. de 2014.

INSTITUTO PRESBITERIANO MACKENZIE, 2014. Disponível em: <http://www.mackenzie.br/ipm.html>. Acesso em: 23/07/2014

INDURSKY, F. **Lula lá: estrutura e acontecimento.** UFRGS: Organon. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/organon/article/view/30020>. Acesso em: 21 de ago. de 2014.

MARIANI, B. Discurso e Instituição: a Imprensa. In: **Rua** - Revista do núcleo de Desenvolvimento da Criatividade. Campinas: Unicamp, n.5, p.47-61, mar. 1999.

O ESTADÃO. **Há 20 anos, denúncia explosiva abria caminho para o impeachment de Fernando Collor.** Disponível em: <http://blogs.estadao.com.br/radar-politico/2012/05/25/ha-20-anos-denuncia-explosiva-abria-caminho-para-o-impeachment-de-fernando-collor/>. Acesso em: 20 de ago. de 2014.

ORLANDI, E. P. **Análise de discurso:** princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 2003.

_____. **Discurso e texto:** formulação e circulação dos sentidos. Campinas: Pontes, 2001.

SECRETARIA NACIONAL DA JUVENTUDE, **Estatuto da Juventude**, 2014. Disponível em: <http://www.juventude.gov.br/estatuto>. Acesso em: 19 de jun. de 2014.

SILVA, T. T. da. A produção da identidade e da diferença. In: **Identidade e diferença:** A perspectiva dos Estudos Culturais. Tomaz Tadeu da Silva (org.); HALL, S.; WOODWARD, K.; p. 73 – 102. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

ABSTRACT

Street protests, as means of political acting, marked numerous of our country contexts. That is due to the fact that in street demonstrations, politics - in a direct or indirect manner - begins to be re-discussed by the movement's integrating mass, which is then put in the citizen-subject position by plying their societal duty. Taking part in a street demonstration is, nevertheless, to be subject to language: the discourses of/about the protesters does not reach the population free of ideology; in/through other(s) discourses the subject in the protests is resignified. The media is one of the main producers of discourses in these cases because it is legitimately authorized to speak about the occurrences which (de)stabilize the city and society, besides serving as mediator in the socio-political relations. Thus, in this research we observe the way in which the media, more specifically the printed newspaper *Folha de S. Paulo*, discursivizes two periods of street demonstrations: during the former president Fernando Collor de Mello's impeachment process, in 1992, and in the course of June 2013 demonstrations. In theoretical and methodological terms, this study is located in Pecheux's French Discourse Analysis apparatus, represented by the contributions of Orlandi (2001; 2003); Mariani (1999); and Coracini (2003). It is considered that the media is not at all exempt from opinion when it reports street protest, but its discourse depends on production conditions which enfold the enunciation and, mainly, relates itself to the position from which it enunciates. Therefore, the imaginary formations concept is foundational for the investigation of the regularities: "rebel without a cause"; "the protester's 'faces'"; and "leftists" when the media weaves a profile for the protesters of a given period.